



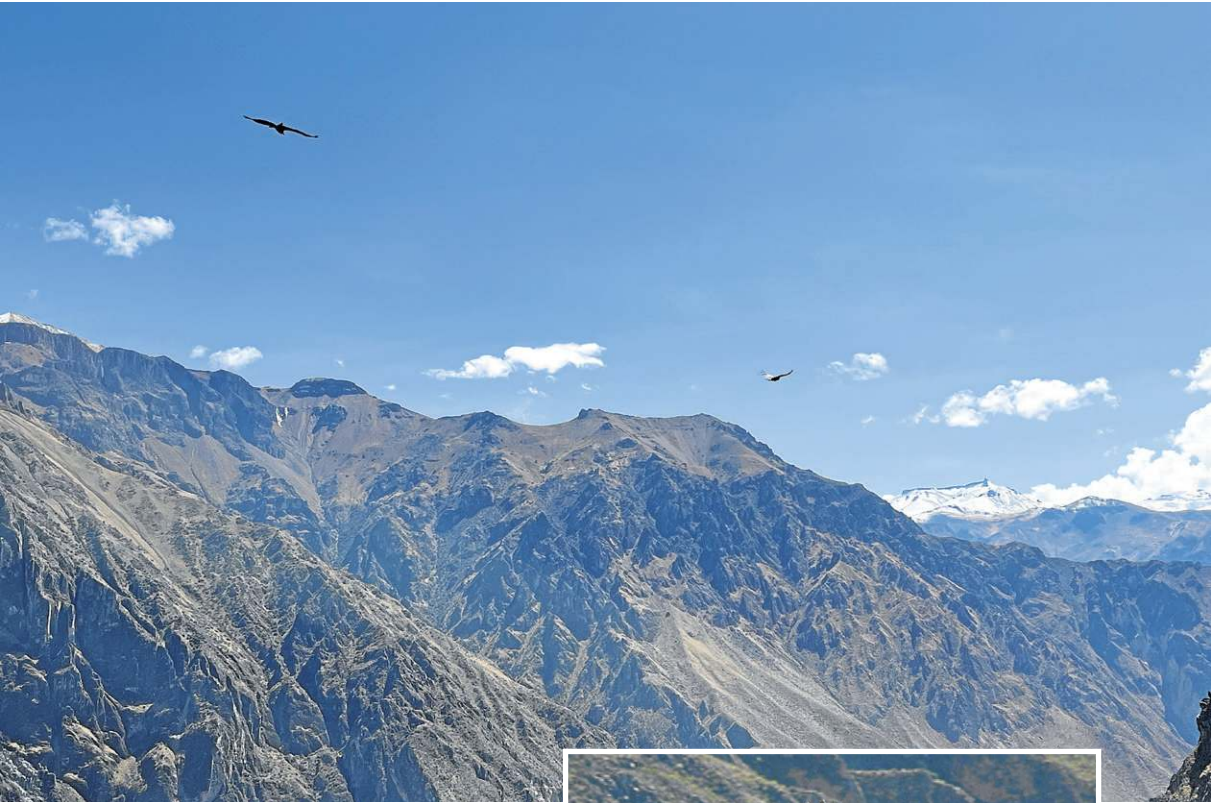
A maioria desses terrazos continua firme e forte até hoje e ainda é utilizada na agricultura



A água vulcânica é extremamente relaxante, mas é importante que o banho não ultrapasse os 30 ou 40 minutos



O Vale do Colca é uma região entre as montanhas, cortada por rios e cheia de solos férteis usados para agricultura tanto por culturas pré-incaicas como pelos próprios Incas



Em busca do mítico condor

No último dia de viagem, caímos da cama bem cedo. Era dia de ir à procura do condor, a ave mítica que habita aquelas montanhas e costuma sair para caçar ainda nas primeiras horas da manhã. Além de ser a maior ave voadora do mundo, podendo chegar aos 3,3 metros de envergadura, é parte central dos mitos e cosmologias dos povos andinos. Depois de atravessar pontes, um túnel e contornar montanhas cujos topos estavam tingidos de neve, chegamos ao mirante do Cânion do Colca, por volta das 8h30.

A vista ali é um dos grandes sustos que se pode ter: o cânion é um dos cinco mais profundos do mundo. Os números exatos da profundidade variam de acordo com o ponto de medição, mas pode chegar a mais de 3 mil metros — bem maior que os 1,8 mil metros do Grand Canyon, nos EUA. Mesmo nos pontos mais baixos, por onde corre o Rio Colca, ainda são marcados mais de 2 mil metros de altitude em relação ao nível do mar, e nas bordas mais altas, ultrapassa os 4 mil.

O céu era de um completo azul e o Sol andino castigante, mas não foi preciso muito tempo até que o primeiro condor despontasse voando entre as encostas das montanhas. Neste momento, quando se pode ouvir crianças e adultos gritando “El condor! El condor!”, todos os olhos se voltam para o cânion. De lá, é possível avistar as aves voando em rasantes pelo rio ou subindo até que ultrapassem as montanhas nevadas no horizonte. Algumas voam solitárias, enquanto pares realizam um



É preciso ir cedo tentar visualizar o voo do condor, ave símbolo da região

balé, girando em torno do próprio eixo enquanto planam quase sem bater as asas. A imagem é um presente.

De alma lavada, rumamos de volta a Arequipa. Na estrada, ainda passamos pelos povoados de Yanque e Maca, onde estava sendo realizada uma cerimônia de bênção dos bois que partiriam para ajudar no arado do campo. Lá, aproveitamos para provar o colca sour, um coquetel típico do Vale do Colca, feito com pisco e sancayo, um fruto de cacto nativo. Como dessa vez não estava nevando, conseguimos parar no mirante mais alto daquela região, a 5 mil metros de altitude, de onde se pode ver os cumes de vários vulcões, como o Hualca Hualca, com 6.025m de altitude; o Sabancaya, com 5.980m; e o Ampato, com 6.200m.

No mirante, entre o vento frio e os longos suspiros provocados pelo ar rarefeito da altitude, estávamos no ponto mais alto da viagem. Lá, há vários amontoados de pedra deixados por moradores e viajantes, denominados saywa ou apacheta. Cada um, Suzanne, nossa guia, nos explicou, é uma oferenda aos deuses. Uma tradição que remonta aos tempos dos incas e simboliza um pedido para que se entre no território das montanhas em segurança. Foi meu último susto nesta primeira viagem ao Peru, que certamente não será a última. Tupananchiskama!

*O repórter viajou a convite da Latam